

JOSÉ ALBANO — ANUNCIADOR DA NOVA LIRICA

Alphonsus de Guimaraens Filho

O destino de José Albano não foi muito diferente daquele que, em geral, acompanha os poetas da sua estirpe: praticamente desconhecido ficou — morto em 1913 — até 1948, quando Manuel Bandeira lhe publicou os versos, sob o título de *Rimas*, em edição preparada a pedido da família do poeta. No prefácio, o organizador já salientava a posição em que foi posto José Albano, não entre os pósteros mas já entre os coetâneos. “O valor poético de José Albano era conhecido e foi calorosamente louvado por alguns raros espíritos que tiveram a fortuna de com ele privar: João Ribeiro, Graça Aranha, Tristão da Cunha, Mário de Alencar, Antônio Sales, o Barão de Studart, todos já falecidos. Entre os vivos, contam-se pelos dedos os que lhe conhecem os versos e sobre eles escreveram: Américo Facó, Da Costa e Silva, Múcio Leão, Sílvio Júlio, Luís Aníbal Falcão. Para a generalidade dos seus contemporâneos, o poeta admirável da Ode à Língua Portuguesa era apenas um excêntrico que fazia versos e os publicava em **plaquettes** requintadas que hoje são raridades bibliográficas. O grande público sempre o ignorou. Para as novas gerações, José Albano é, apenas um nome.” Gostaríamos de acrescentar à lista de Bandeira o nome de Herman Lima, que do convívio diário de mais de um ano com José Albano fala, em páginas excelentes, nas suas memórias **Poeira do Tempo**. Cabe ainda destacar, na sua bibliografia, o estudo introdutório de Braga Montenegro ao volume **Nossos Clássicos**, dedicada a Albano, justamente louvado por Herman Lima. Para este, Braga Montenegro “situa a figura do poeta, como ainda não se fizera com tamanha acuidade e segurança, não somente as suas faladas influências

camonianas — das quais, no seu entender, após aprofundado confronto da obra do autor das **Redondilhas** com os **Lusíadas** e a **Lírica**, não há nenhuma ascendência em poemas como a **Comédia Angélica** e o **Triunfo** — Como também pela constância da sua intemporalidade e da sua tristeza.”

ANUNCIANDO A MODERNIDADE

Estreando há 60 anos, em 1912 em Barcelona, com as **Redondilhas**, José Albano se inclui, historicamente, no pré-modernismo. Colocam-no entre os neoparnasianos, como faz ver Alfredo Bosi em seu livro **O Pré-Modernismo**, em que afirma que “José Albano foi, por temperamento e cultura, o mais aristocrático dentre os poetas que se soem incluir entre os neoparnasianos.”

Mário da Silva Brito, por sua vez, ao organizar o volume consagrado ao pré-modernismo no **Panorama da Poesia Brasileira**, ali deixou estas palavras: “Se se fizer — e até hoje não se fez — um inventário da poesia pré-modernista, de que este volume é o primeiro passo, acredito que outros serão os olhos com que se passará a ver essa quadra literária. De qualquer modo, pode-se afirmar com segurança, que por aquela época alargaram-se bastante os horizontes da poesia brasileira. Tornou-se ela mais universalista, através de poemas como os de Raul de Leoni, em que é patente a especulação filosófica; através dos versos trágicos de Augusto dos Anjos — um dos poetas mais altos da nossa história literária de todos os tempos; através da inspiração religiosa de um José Albano, cujos sonetos se inserem entre o que de mais belo já produziu a poesia mundial no gênero, na afirmação de um crítico da categoria de Tristão de Atáide.”

Aí é que se deverá localizar definitivamente José Albano: na companhia de dois poetas que, com um só livro, marcaram sua presença em nossas letras, o autor de **Luz Mediterrânea** e o de **Eu e Outras Poesias**, tão diferentes entre si quanto do vate das **Rimas**.